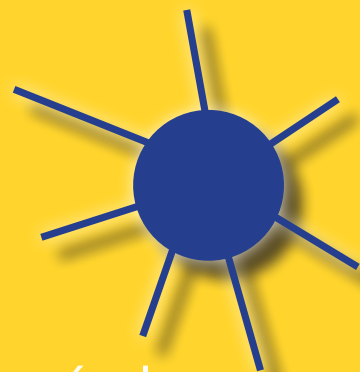


5^o Sebrae MUS

seminário
brasileiro de
museologia



Museologia
em *movimento*:
lutas e resistências

PORTO ALEGRE - RS

Anais

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA
E COMUNICAÇÃO - FABICO

7 a 10 dez. 2022



ANAIS

ORGANIZADORAS

Profa. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS);

Profa. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);

Lizandra Caon Bittencourt (discente do Curso de Museologia e PPGMusPa/UFRGS);

Profa. Márcia Regina Bertotto (UFRGS)

Profa. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

5º SEBRAMUS

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA

Porto Alegre - RS

Museologia em movimento:
lutas e resistências

7 a 10 de dezembro de 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Criação da Identidade Visual:

Sofia Martinez – Design de Produto/UFRGS – Museu da UFRGS

Ana Porazzi – Design Visual/UFRGS – Museu da UFRGS

Capa e Editoração eletrônica:

Lizandra Caon Bittencourt

NÃO ILUSTRADO

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA**

S471a Seminário Brasileiro de Museologia (5. : 2022 : Porto Alegre, RS)
Anais... [recurso eletrônico] / Ana Carolina Gelmini de Faria ...[et al.]
(Organizadoras). – Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, 2023.

p.

Tema: Museologia em movimento: lutas e resistências
ISSN: 2446-8940

1. Museologia - Eventos. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de (Org.). II. Título.

CDU: 069

nuances DO ARCO-ÍRIS: práticas de Museologia LGBT na UFRGS

Elisângela Silveira de Assumpção

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Aluna

Zita Rosane Possamai

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Docente

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso propôs compreender a relação entre Museologia e movimento LGBT a partir da atuação de seus agentes. O foco foi a análise de experiências expográficas realizadas entre os membros do *nuances* - Grupo Pela Livre Expressão Sexual e curadores ligados ao campo da Museologia, como diretores de museus, docentes e estudantes do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Submetendo como objetos de pesquisa as exposições Uma Cidade Pelas Margens (2016), De Stonewall ao *nuances*: 50 Anos de Ação (2019) e 50 Anos de Ação: de Stonewall ao *nuances* & TAMBÉM (2019). A metodologia seguida foi a pesquisa documental no acervo do grupo e das ações efetivadas por eles no Centro de Referência da História LGBTQIA+ do Rio Grande do Sul e no Projeto de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, além da realização de entrevistas semi-estruturadas com participantes dos processos expográficos; e neste íterim a caracterização e análise das ações museográficas realizadas e a análise das narrativas dos agentes envolvidos nesse processo constituíram significados relevantes a memória LGBT. A pesquisa concluiu que a interação entre sujeitos da Museologia e membros do grupo LGBT investigado proporcionou benefícios em duas frentes: por um lado, desafiou docentes, estudantes e gestores para a inclusão de pautas LGBT nas ações museais e, por outro lado, proporcionou à comunidade LGBT maior visibilidade de suas problemáticas e a legitimação de suas memórias, exaltando a falta de materialidade tridimensional da temática. Assim, preservar a crença de que a Museologia, por meio de seus agentes, tem a possibilidade de tornar os museus em espaços de memória, de resistência e de enfrentamento à violência, ao preconceito e à discriminação com o propósito de criar uma sociedade inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade LGBT. Expografia. Exposições Museológicas. Museologia. *nuances*.

ABSTRACT

This course completion work proposed to understand the relationship between Museology and the LGBT movement from the perspective of its agents. The focus was the analysis of exhibition experiences carried out among members of the *nuances* - Grupo Pela Livre Expressão Sexual and curators linked to the field of Museology, such as museum directors, teachers and students of the Museology Course at the Federal University of Rio Grande do Sul. Submitting as research objects the exhibitions Uma Cidade Pelas Margens (2016), De Stonewall ao *nuances*: 50 Years of Action

(2019) and 50 Years of Action: from Stonewall to *nuances* & TAMBÉM (2019). The methodology followed was documentary research in the group's collection and the actions carried out by them in the Reference Center for LGBTQIA+ History of Rio Grande do Sul and in the Museology Extension Project at UFRGS: trajectories and memories, in addition to conducting semi-structured interviews with participants in the expographic processes; and in the meantime, the characterization and analysis of the museographic actions carried out and the analysis of the narratives of the agents involved in this process constituted relevant meanings to the LGBT memory. The research concluded that the interaction between Museology subjects and members of the investigated LGBT group provided benefits on two fronts: on the one hand, it challenged teachers, students and managers to include LGBT guidelines in museum actions and, on the other hand, it provided the community with LGBT greater visibility of their problems and the legitimation of their memories, exalting the lack of three-dimensional materiality of the theme. Thus, preserving the belief that Museology, through its agents, has the possibility of turning museums into spaces of memory, resistance and confrontation against violence, prejudice and discrimination with the purpose of creating an inclusive society.

KEYWORDS

LGBT Community. Expography. Museological Exhibitions. Museology. *nuances*.

Introdução

Associar museus e movimentos LGBT se constitui em um exercício de criar ressignificações e problematizações de temas considerados tabus sociais, mesmo atualmente. Através de debates, exposições e ações educativas, as instituições museológicas proporcionam uma forma de legitimidade para construção e visibilidade das memórias LGBT, em concordância com Jean Baptista e Tony Boita (2017) ao proporem que

articular a relação entre a memória LGBT com museus e o patrimônio é, antes de tudo, uma ação cidadã interessada em colaborar na superação de fobias à diversidade sexual impregnadas na cultura nacional. Os profissionais de museus que assim o fazem, associam a questão do patrimônio, reconhecendo que a presença LGBT é importante e significativa para a construção do país, seja às personalidades históricas, seja ao retrato de lutas comunitárias. (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 111)

Nessa perspectiva, constrói-se espaço para que histórias sejam escritas por personagens, até então jogados às margens. Esse movimento propicia, por um lado, que outras memórias sejam abordadas pelas exposições museológicas, ao romper com as narrativas de personagens consagrados pela memória histórica e, por outro lado, que esses sujeitos compartilhem seus saberes, desejos, modos de vida, subjetividades e, principalmente, as violências presentes em seus cotidianos. Nesse sentido, valorizamos a perspectiva de uma museologia LGBT baseada em pesquisa junto a essa comunidade, bem como preservando seu acervo para a ampliação da significância de sua trajetória nesta sociedade, promovendo a autorrepresentação (CURY, 2021) neste espaço.

A pesquisa que embasa este artigo teve como corpus documental os registros escritos, materiais e imagéticos reunidos pelo grupo nuances ao longo de sua existência de 28 anos, parte dos quais disponibilizados pelo Centro de Referência da História LGBTQIA+ do Rio Grande do Sul - CLOSE¹, através do repositório digital Tainacan². Ainda foram consultados os documentos das ações museográficas reunidas pelo Projeto Memória da Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também foram realizadas entrevistas com curadores e curadoras da exposição, de modo a aproximar as pesquisadoras de informações e das percepções dos sujeitos envolvidos no processo.

O importante é (se) expor?

A memória LGBT tem emergido entre as preocupações de grupos militantes e também entre os profissionais da Museologia. No Brasil, a forte atuação pública expressa em ações, tais como a Parada do Orgulho Gay, tem gerado uma profusão de imagens e registros que encontra correspondência no “[...] desejo de representação e (na) necessidade de preservação dos registros, momentos e conquistas” (BOITA, 2018, p. 27). A atenção à sua própria memória é preocupação do coletivo *nuances*, cuja atuação iniciou-se em 1989, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Desde suas primeiras manifestações públicas, seus líderes anteviram a necessidade de registrar as falas LGBT e de preservar os registros produzidos ao longo de sua atuação. Nesta direção, se deu o ato de registrar, de preservar e de divulgar as lutas do grupo, através do exercício de ações expográficas, constituídas pelas vozes dos coletivos, das minorias mantidas, ou que se mantém, “às margens” (GOLIN, 2021).

Desse modo, no decorrer dos primeiros 25 anos de atuação³, o grupo realizou experimentações expográficas, nas quais apontavam que o intuito de construir uma memória tem o sentido de lembrar para não repetir e nem sucumbir ao retrocesso, tanto nas causas voltadas à saúde da população LGBT, uma de suas principais bandeiras, quanto na compreensão das faces da cultura da diversidade. Assim, uma das formas de atuação pública do *nuances*, as exposições, corroboram a ideia de que “[...] iniciativas no campo da arte e da cultura LGBTTT agregam inovações importantes na construção de estratégias inovadoras de transformação social e enfrentamento público” (MACHADO; MATTOS, 2017, p.16).

O *nuances* atua contrariamente à ausência de patrimônio, de espaços, de territórios, de modos de ser e de saberes desenvolvendo ações contundentes a fim de romper com a prática de vulnerabilidade social deste grupo (BAPTISTA; BOITA, 2017). Nesse sentido, pode se dizer que institui um *locus museal*, na constituição de lugares sociais, culturais, políticos e econômicos diferenciados que se ancoram em perspectivas museológicas específicas e singulares (STORINO;

1 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nphdigital/colecoes/>

2 Tainacan é uma plataforma de acervo digital. Disponível em: <https://tainacan.org/>

3 O grupo registrou essas atividades no livro Livro nuances 25 anos. Uma trajetória inconformada com a norma.

PRIMO; CHAGAS; ASSUNÇÃO, 2018), e assim traçar novos percursos que designam lugares, onde os públicos estão ou querem estar, a fim de romperem com os princípios heteronormativos, através de muita criatividade e ousadia.

Ao longo do tempo, esse coletivo elaborou exposições fotográficas, das capas do Jornal *nuances*, de *banners*, afixou cartazes pela cidade, realizou debates e exibição de filmes, promoveu campanhas de conscientização dos públicos para a questão LGBT, ações que suscitaram as “[...] capacidades de poder-agir, poder-fazer, poder-dizer, poder designar, poder narrar e poder imputar [...]” (RICOEUR, 2008, p. 31), nas quais exaltavam a experiência dinâmica do poder-ser de modo reflexivo e dialógico (RICOEUR, 2008, p. 31).

Museologando: experiência de resistência e Museologia em Porto Alegre e Pelotas

Em 2016, o *nuances* protagonizou a organização da exposição intitulada *Uma Cidade Pelas Margens*, no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, localizado no Bairro Cidade Baixa, na Capital gaúcha, com a participação de outros parceiros, tais como docentes e estudantes do Curso de Museologia e pesquisadores acadêmicos. Além da mostra, o evento proporcionou debates sobre trajetórias, histórias e memórias LGBT, além de questões ligadas à saúde, à educação e à assistência jurídica aos seus membros.

A iniciativa de realização da mostra partiu da diretora da instituição, Letícia Bauer, e teve como argumento central “pensar qual o lugar ocupado pela população LGBTTT⁴ na cidade de Porto Alegre, a partir do século XX” (GIOVANAZ, 2019, p. 433), que orientou o “[...] processo de negociação discursiva estabelecida dentro de um grupo múltiplo de representantes” (GIOVANAZ, 2019, p. 434), propiciando a experimentação em curadoria compartilhada entre os movimentos LGBT, os agentes do museu e da universidade. Conforme Letícia Bauer, o processo de elaboração exigiu “[...] reuniões sistemáticas, [...] os textos passaram por todo mundo, a escolha do cartaz passou por todo mundo, textos foram elaborados, todo mundo lia, retornava, e esse processo vai ganhando a cara de um coletivo” (BAUER, 2021).

Assim, com o intuito de ampliar o exercício de apresentar e representar a memória LGBT no contexto museológico, foram acionados conjuntamente outros atores importantes no cenário desses movimentos, tais como a Liga Brasileira das Lésbicas do Rio Grande do Sul (LBL RS), Igualdade RS - Associação de Travestis e Transexuais do RS, Memorial do Tribunal Federal do RS, Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde, Programa de Pós-Graduação em História e Curso de Museologia, os quatro últimos vinculados à UFRGS (GIOVANAZ, 2019), ampliando, conseqüentemente, o acervo material e imaterial a ser utilizado pela exposição.

Nessa experiência de curadoria, segundo Letícia Bauer, “[...] o museu não tem autoridade da fala exclusiva [...], uma autoridade compartilhada foi importante”, pois as pautas apresentadas pelos

4 Marlise Giovanaz (2019) que optou, em seu artigo, pelo uso da sigla LGBTTT, tendo como base a nomenclatura utilizada pela Organização das Nações Unidas.

movimentos LGBT representam cotidianamente vivências e experiências desses sujeitos. A diretora do museu relata as dificuldades de acesso ao acervo tridimensional devido a não salvaguarda sistemática de objetos ligados ao universo LGBT em instituições museológicas (BARNART; BAUER, 2017), fato que revela o persistente silenciamento sociocultural dessa comunidade, “esse silenciamento reflete diretamente na ausência de acervos claramente associados ao universo LGBTT” (BARNART; BAUER, 2017, p. 441).

Ao mesmo tempo, a importância dos acervos pessoais de travestis, a montaria, termo contemporâneo utilizado para definir o figurino (BARNART; BAUER, 2017, p. 446), por exemplo, não estava disponível “[...] uma vez que a maioria das entrevistadas alegou ter se desfeito dos vestidos e adereços mais antigos” (BARNART; BAUER, 2017, p. 446). Tais acervos se fazem necessários na constituição das coleções LGBT, pois pertencem ao universo performático desta comunidade (BAPTISTA; BOITA; MORAES WICHERS, 2020, p. 6). Contudo,

as coleções de imagens [fotográficas] do acervo pessoal de Marcelly Malta Presidenta da Associação Igualdade, e de Maythe, militante do Nuances, por exemplo, trazem uma retrospectiva riquíssima dos lugares, das personalidades, da moda e dos “babados” da vida das travestis e mulheres transexuais ao longo do tempo em Porto Alegre. (BARNART; BAUER, 2017, p. 445)

Desse modo, a exposição foi composta por “[...] fotos, jornais, convites, cartazes e *folders* de festas, atos políticos e campanhas, especialmente do Nuances e da LBL-RS [...]” (BARNART; BAUER, 2017, p. 445). Coube ao museu recorrer ao seu próprio “acervo fotográfico e tridimensional, em especial a coleção sobre Carnaval, festa relevante para a narrativa da exposição [...]” (BARNART; BAUER, 2017, p. 446), e também ao “[...] acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa” (BARNART; BAUER, 2017, p. 446), a fim de buscar jornais da época. Contudo,

após diferentes arranjos e muitas ideias, foram dois os eixos definidos para estruturar a exposição de curta duração: de uma parte, a mostra explorou a trajetória de pessoas e organizações que protagonizaram a luta pela visibilidade e pelo direito à diversidade em Porto Alegre, tendo como ponto de partida o entendimento de que a defesa dos direitos humanos da população LGBTT é condição fundamental para a cidadania plena. (BARNART; BAUER, 2017, p. 446)

O arco-íris foi utilizado como símbolo LGBT em diversos núcleos e como identidade visual da exposição a fim de manter uniformidade à mensagem que estava sendo transmitida aos visitantes.

A mostra abordou a territorialidade, no núcleo *Quando a Margem está no Centro*, como componente fundamental para a comunidade LGBT. A equipe de curadoria “[...] cartografou a cidade sob esta perspectiva, identificando espaços públicos e privados de sociabilidade fundamentais para a construção dessa narrativa” (BARNART; BAUER, 2017, p. 446), e materializou os resultados dessa pesquisa através da identificação de tais lugares em um mapa da zona central de Porto Alegre.

A equipe de mediação da exposição foi formada pelo Setor Educativo do Museu e pelos acadêmicos do Curso de Museologia da UFRGS (BARNART; BAUER, 2017), que recepcionaram o público na sala em que a exposição estava montada (GIOVANAZ, 2019). Os mediadores realizavam registros, orientações, bem como, coletavam suas impressões, diariamente, em um Caderno de Campo (GIOVANAZ, 2019) como prática comunicativa entre todos que trabalhavam no evento, com intuito de proporcionar melhor fruição da dinâmica expositiva.

Ao percorrer o circuito expositivo, no sentido anti-horário, o primeiro núcleo intitulado *O Movimento das Margens*, era constituído por um grande painel com uma “uma grande linha do tempo [...]” (GIOVANAZ, 2019, p. 437) e imagens em que o conceito-chave foi a LGBTfobia (BARNART; BAUER, 2017). Assim, a mostra trouxe para o universo museal os dois extremos dessa temática, os LGBTfóbicos e a comunidade LGBT, que está em constante ameaça de morte. Certamente,

a imprescindibilidade de posicionar-se diante de tais injustiças e discriminações sociais; a importância de se utilizar a historiografia e a museologia como mediadores entre o passado e o presente no que condiz às relações de gênero, de maneira que não haja normativas e violências sociais que busquem reduzir a pluralidade de corpos, identidades e desejos em binarismos falaciosos e nocivos. (TEDESCO, 2018, p. 44)

Considerado como final do percurso expositivo, “[...] foi reservado um espaço para a projeção de vídeos produzidos pelo projeto *História de Vida e Ação Política* [...]” (BARNART; BAUER, 2017, p. 454), sobre três personalidades relevantes “na história do movimento LBTT do Rio Grande do Sul: Volmar Santos, fundador da Coligay⁵ [...]; Marcelly Malta, presidenta e fundadora da Igualdade em 1999; Célio Golin, ativista [nuanceira] e fundador do primeiro grupo guei do movimento social LBTT do Estado” (BARNART; BAUER, 2017, p. 454).

Os visitantes assistiram à apresentação que passava “em *looping* durante todo o período da mostra” (BARNART; BAUER, 2017, p. 454), propondo indiretamente uma reflexão sobre projetos de vida e de militância com a perspectiva dos movimentos sociais, particularmente o LGBT.

Neste contexto, foi observada uma mudança no público do museu ao decorrer dos dias de permanência da exposição, segundo Letícia Bauer: “percebemos que essa exposição teve uma visitação de público espontâneo muito legal [...], as pessoas foram na primeira semana depois da inauguração tinha sempre gente visitando, que não era do grupo agendado, não era da escola agendada [...]” (BAUER, 2021).

Unir a Museologia e o Movimento LGBT “[...] teve impacto maior dentro próprio campo, por isso reforço o trabalho da gestão de Letícia Bauer que mostrou que era possível colocar isso em prática” (GIOVANAZ, 2021), ou seja, proporcionar uma troca de saberes entre dois universos que convergem para um mesmo fim, o bem-estar comum, ampliar os conhecimentos e ampliar as relações. Pois essa confluência “[...] produziu um debate com o curso de História, com o curso de 5 Coligay foi a primeira torcida de futebol organizada no Brasil, fundada na década de 1970, composta apenas por torcedores homossexuais gremistas, em Porto Alegre, Conforme Vídeo de Volmar Santos - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cJuHfIGkZEU> Acessado em: 25/09/2021.

Museologia, com os funcionários do próprio Museu [...] de como valorizar, de como ampliar esse discurso identitário (GIOVANAZ, 2021). Neste sentido, Letícia Bauer diz que “esse trabalho [...] foi muito afinado [...] todo mundo aprendeu um monte, [...] o resultado final foi bem recompensador” (BAUER, 2021).

Como uma segunda vivência no universo museológico, já em 2019, o grupo *nuances* foi o cerne da Exposição *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação*, que contou novamente com a curadoria compartilhada entre membros do coletivo e acadêmicos do curso de Museologia da UFRGS, sob coordenação das professoras Marlise Maria Giovanaz e Ana Carolina Gelmini de Faria e com a assessoria do Museólogo Elias Machado, coordenador do Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS-UFRGS). Nas palavras de Marlise Giovanaz:

[...] tem muita coisa acontecendo e a universidade tem que dar mais ouvidos para os movimentos sociais, pensar esse diálogo com a sociedade que já está fazendo tanta coisa que não tem fins lucrativos, mas que fala de direitos, conquistas sociais que são muito importantes. (GIOVANAZ, 2021)

Segundo as coordenadoras da curadoria, no exercício da expologia optou-se por conduzir o visitante em uma narrativa cujo ponto de partida situava-se no ano de 1969, marco internacional LGBT, por fazer referência à Revolta de *Stonewall* que completara seu cinquentenário em 2019 (FARIA; GIOVANAZ, 2019). Segundo Marlise Giovanaz “é preciso conscientizar os(as) alunos(as) e o público da necessidade de promover um discurso inclusivo sobre a memória e também sobre o futuro” (FARIA; GIOVANAZ, 2019, p. 41), com intuito de valorizar essas temáticas nos espaços museológicos, a fim de que estes também se tornem referência de ações inclusivas.

A exposição foi sediada pelo Memorial do Rio Grande do Sul que acolheu uma composição cenográfica, bem como, o próprio acervo do grupo, cujos escritos, objetos e imagens registram as memórias da sua atuação na cultura LGBT do Rio Grande do Sul e da capital. Por isto, “cada elemento que compôs a narrativa (acervos e recursos expográficos) foi selecionado e articulado para propor um argumento cultural combativo ao preconceito” (FARIA, GIOVANAZ, 2019, p. 29).

Como estratégia expositiva, a curadoria dividiu a exposição em três grandes núcleos, cujo projeto expográfico foi realizado em maquete virtual a fim de antever as melhores soluções para a fluidez da mesma. Sendo assim, ao entrar no Núcleo 1, se vivenciava a reprodução da parte interna do Bar *Restaurant Stonewall Inn*, incluindo painéis explicativos sobre o ocorrido nos Estados Unidos e suas repercussões pelo mundo até os dias atuais, através de plotagens de um mapa mundi e de diversas imagens fotográficas relativas às marchas e aos protestos desencadeados em outros países.

No segundo núcleo, o recurso expográfico teve como finalidade gerar interação com o visitante: um expositor de jornais convidava a conhecer a literatura e os textos sobre a temática veiculados na época pelo Jornal *Lampião da Esquina*, primeira mídia brasileira com a temática

LGBT que teve circulação nacional entre 1978 e 1981. A publicação destacava personagens marginalizados e denunciava violências homofóbicas em tom picante e debochado. Fundado na cidade do Rio de Janeiro por João Antônio de Souza Mascarenhas, pelotense, e João Silvério Trevisan, entre outros escritores cariocas. Ainda neste núcleo, foi exposta a primeira edição da obra *Devassos no Paraíso*⁶ de autoria de João Silvério Trevisan, publicada em 1986 e considerada o primeiro livro brasileiro sobre a temática LGBT. O autor prestigiou a abertura da Exposição e foi fotografado junto ao seu livro, protagonizando um registro único.

No núcleo seguinte, via-se ao alto uma faixa em pano com a inscrição: *nuances - Rompa o Silêncio*, instrumento utilizado pelo coletivo nas manifestações por reivindicações relacionadas à AIDS e ao HIV; na sequência, diversos textos que relatando o início dos movimentos LGBT no Brasil.

No terceiro núcleo, a apresentação do grupo se deu através de um texto-resumo de resistência do *nuances* em sua trajetória na militância LGBT. A ambiência foi composta com a Bandeira do Orgulho Guei, que contém o nome *nuances* na listra amarela. Como recurso para delimitar os subnúcleos foram utilizados aparadores-vitrines que abrigavam objetos do grupo que poderiam ser manuseados pelos visitantes, intercalados com painéis expositivos contendo imagens fixadas de forma assimétrica, como um mosaico.

No primeiro subnúcleo, *Reação*, a mensagem transmitida abordou as conquistas judiciais do grupo, bem como sobre as conquistas relativas a alterações em leis que atendessem melhor a população LGBT, no que tange à segurança pública e à previdência social.

O segundo subnúcleo *Educação* apresentou as movimentações que o grupo *nuances* trouxe aos públicos projetos educativos que defendem os direitos humanos da comunidade LGBT e que receberam apoio das Secretarias de Educação e Cultura, bem como do Programa Brasil Sem Homofobia do Governo Federal.

O subnúcleo *Participação* abordou as manifestações que o *nuances* apoiou, tais como marchas ao lado dos movimentos negros, estudantis, professores, diversas categorias de trabalhadores porto-alegrenses, nas quais assumiu o lugar de entidade representativa da diversidade social.

Já no quarto subnúcleo, *Conscientização*, apresentou-se reflexões sobre saúde, principalmente sobre enfrentamento do HIV/AIDS e contra o silenciamento sobre o tema, com campanhas como *Suando a Camisinha*, *Prazer Não Tem Idade*, entre outras.

O subnúcleo *Inovação* abordou a importância da criatividade em se falar de assuntos importantes para a sociedade gaúcha, como sexo na terceira idade, lazer LGBT, entre outros. Os traços do artista Luís Gustavo Weiler personificaram as causas da comunidade LGBT de modo a promover a equidade na comunicação, pois assim, qualquer indivíduo seria capaz de compreender o que estava sendo compartilhado e a importância para um bem-estar comum. O terceiro núcleo fecha com o subnúcleo *Celebração*, em comemoração aos 28 anos de um percurso com muitos

6 O Livro *Devassos no Paraíso* teve nova edição em 2007.

êxitos em prol da comunidade LGBT.

Ao final deste núcleo, reservou-se um espaço para a interatividade com os visitantes, propondo uma prática recorrente em eventos do grupo, ou seja, criou-se e disponibilizou-se plaquinhas, neste caso, com os dizeres ousados e irreverente utilizados pelo coletivo, tais como “*Não seja uma Alice, lute contra o preconceito!, Joga o picumã na cara do preconceito e chuta a porta do armário, Não te faz de Greta, vem pra descolândia!, Mais respeito com as Irenes! Elas lutaram no passado para você ter direitos no presente, Acuenda, viado! Você tem direitos, pode dar pinta à vontade!*”. Envolvidos nessa atmosfera de alto astral os visitantes escolhiam a que melhor lhes identificassem e no momento seguinte, posavam para uma foto, um *selfie*, tendo como plano de fundo um painel com a imagem que representa a diversidade, no acervo do grupo, para, enfim, registrar sua visitação ao evento e estima ao *nuances* - Grupo Pela Livre Expressão Sexual.

Como última promoção expositiva, ainda no Núcleo 3, chegava-se à sala de cinema em que eram exibidos, em forma de *looping*, um total de oito projeções entre filmes e documentários sobre a temática LGBT e a Revolta de *Stonewall*. Ao todo, a programação audiovisual contemplava em torno de 3h e 30 min, em ampla diversificação da temática.

A curadoria compartilhada criou uma narrativa expográfica sobre o contexto político e social do momento, bem como sobre ameaças virtuais contra a vida. E também evidenciou que a trajetória do *nuances* sempre foi pautada pelo respeito à existência alheia e pelos direitos civis. Considerando os desafios superados, essa exposição trouxe um público visitante de grande vulto; no Livro de Registro foram registradas mais de 3.000 assinaturas, num período inferior a 30 dias e fora de período escolar, ou seja, público espontâneo, atraído através de mídia e redes sociais, ou da indicação de visitante que já havia tido a sua experiência.

Profissionais da Museologia trabalhando com os coletivos, com os profissionais do design, com os profissionais da instituição promoveram um resultado com tal qualidade que as ideias se ampliaram e não se resumiram naquele instante. A equipe foi composta por nove curadores por parte do *nuances*, 17 curadores por parte da Museologia da UFRGS, e ainda a parte diretiva da Instituição, bem como, da Secretaria Estadual da Cultura, órgão mantenedor do Memorial do Rio Grande do Sul.

Neste mesmo ano, se promoveu uma nova montagem desta mesma temática e executada primeiramente em Porto Alegre, em junho de 2019, que ganhou nova configuração intitulada *50 ANOS DE AÇÃO: DE STONEWALL ao nuances & TAMBÉM* foi inaugurado em 22 de novembro de 2019, na programação da Semana da Diversidade de Pelotas, localizada no extremo sul do Estado. Foi uma ação conjunta entre o *nuances*, a ONG TAMBÉM e outras entidades ligadas ao movimento LGBT de Pelotas, como o Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGEN), além dos cursos de Bacharelado em Museologia pertencentes à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), além do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A mostra foi recebida na Sala Frederico Trebbi, cujo local recebe diversas exposições, em sua maioria de caráter artístico e científico, bem como ações culturais, na sede da Prefeitura Municipal de Pelotas⁷. Célio Golin, líder do *nuances*, declara “que estar em um local de poder público significa legitimar uma pauta marginal, retirar as questões LGBT das margens e as colocar no centro da discussão” (MARTINS, 2021, p. 50).

Os núcleos se assemelhavam à montagem anterior na capital. Porém, foram agregados textos com enfoque em questões políticas e sociais personificadas em figuras públicas conhecidas e com voz militante da comunidade LGBT pelotense. Protagonistas pelotenses tiveram visibilidade através dos recursos expositivos, tais como cartazes, plotagens em painéis, recursos interativos (bilhetinhos escritos em papéis coloridos), bandeiras em tecidos, bem como manequins com vestimentas pertencentes à ONG TAMBÉM.

Os entrelaçamentos de histórias entre a cidade de Pelotas e de Porto Alegre serviram de argumento expositivo, como por exemplo, a vida de Pompílio de Freitas (MELO; NARESSI; LUCENA, 2020), estilista de trajes e fantasias de carnaval, cidadão honorário pelotense, cujo caminho se cruzou com o coletivo porto-alegrense, em entrevista concedida ao Jornal *nuances* em 2000.

Por outro lado, a DJ Helô, personagem pelotense no contexto expositivo, atuante nas *pick-ups* desde a década de 1980, mulher negra, lésbica e pobre que exerceu um trabalho considerado masculino. Na perspectiva interseccional os marcos sociais apontados como características pessoais por Heloísa Helena Ferreira Duarte enriquecem a abordagem expositiva, pois além de serem combustível para sua militância na causa LGBT, a tornam pessoa de destaque na sociedade por manter ativamente sua profissão, conforme documentário *Margens* (GEEUR, 2019).

A curadoria trouxe para o contexto expográfico uma nova forma de elaborar significados em torno do patrimônio (MARTINS, 2021), isto é, apresentar uma placa de rua com o nome da ativista Juliana Martinelli, falecida em 2017, ultrapassa o simples significado desta placa, mas destaca os termos nela descritos: *Travesti Juliana Martinelli* destacou sua identidade trans. A placa original situa-se na esquina das Ruas Barão de Santa Tecla e Doutor Cassiano, em Pelotas, imprimindo o significado deste objeto que passa pela compreensão dos fatores subjetivos e objetivos envolvidos nessa construção de sentido (ARAÚJO; GRANATO, 2018); a pauta de reconhecimento LGBT é vivenciado na comunidade pelotense em direção a normatizar iniciativas como essa, que rompem os estigmas e oportunizam novas ações.

Em protesto contra as mortes devido à LGBTfobia, a curadoria trouxe para a cena duas histórias que refletem a realidade diária vivida por essa população. A imagem das mulheres-trans

⁷ O evento promoveu uma visita intensa na sede da Prefeitura pelotense, segundo Maria Waleska Peil Martins (2021), o público visitante era em sua maioria da comunidade LGBT. A divulgação do mesmo se deu pelas redes sociais e pelo site de Comunicação da Pró-reitoria de Gestão da Informação e Comunicação da UFPEL.

assassinadas, Brenda e Alanis, sustenta os dados de que o Brasil ocupa o topo do *ranking* dos países que mais matam pessoas da comunidade LGBT, conseqüentemente, um dos mais inseguros para essa população.

Enquanto edificadores da própria memória, curadores e curadoras trouxeram para esse contexto expositivo as dores, os marcadores sociais, bem como as atuações coletivas para a preservação dos direitos ligados às questões LGBT.

Com a proposta de pensar nas distorções que as *fake news* provocam, foi proposta a crítica e a ressignificação do denominado “*Kit Gay*”⁸, de modo a provocar instabilidade no meio disseminado. Para cumprir esse objetivo da mostra, os visitantes eram convidados a escrever a receita do seu *Kit Gay* e a deixar esses registros pendurados por prendedores na tela que envolvia o dispositivo expográfico (FIGURAS 15 e 16) para que fossem lidos por outras pessoas. Assim, foi realizado o convite *Faça seu Kit Gay*:

Tu sabes o que é um *kit gay*? Aqui trazemos uma proposta diferente. Usamos esse termo, considerado pejorativo, como algo a ser visto com um novo significado. O nosso *Kit Gay* é um conjunto de saberes, emoções, objetos e mídias sobre e para a comunidade LGBTQIA+ que torna a escola um lugar de acolhimento e respeito. Trazemos um *Kit Gay* que também é Lésbico, Bissexual, Transexual, Travesti, Intersexual e muito mais. A escola é um dos espaços que mais maltrata, fere e discrimina a população LGBTQIA+ e essa realidade precisa ser modificada. Assim, os tantos *Kit Gays* aqui presentes não são doutrinares ou impróprios, como alguns podem querer afirmar, mas são vivências e demonstrações de que falar sobre determinadas e variadas temáticas é, em todos os momentos, a melhor ferramenta. (MARTINS, 2021, p.59)

O retorno do visitante a essa proposta foi imediata, tendo participação desde o primeiro dia, e foi aumentando no decorrer da exposição (MARTINS, 2021). Esta atividade interativa apresentou alto poder criativo, proporcionou o sentimento de pertencimento ao evento e aproximou os visitantes da mostra.

O percurso da memória LGBT é, se apresenta em grande parte como uma trama que é tecida por histórias orais, sem muitos elementos tridimensionais. Desse modo, o recurso textual foi vastamente utilizado nesta mostra, pois consolida parte dessa história rica em possibilidades e desdobramentos para a população LGBT.

Nesta perspectiva, esses coletivos compreendem esse desafio e atuam pela continuidade dos repertórios culturais LGBT, inclusive, através dos artefatos, e que deles seja possível denotar características, idiosincrasias, hábitos (BENARUSH, 2012), enfim registros das memórias de determinado local e tempo. Por exemplo, o acervo do Grupo TAMBÉM abrange além de camisetas, matérias de jornal e revistas, fotografias da Parada da Diversidade, entre outras ações do grupo na

⁸ Kit Gay é uma expressão criada pelo candidato e atual presidente do Brasil, transformando o Projeto Escola sem Homofobia, voltado para professores, em fracasso e sem ser executado. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-tirar-do-ar-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay/> Acessado em: 18/10/2021.

região de Pelotas (MARTINS, 2021). No entanto, este acervo não havia passado pelo processo de salvaguarda até o referido evento. Desse modo, a falta de acervo, decorrente do pouco interesse das instituições museológicas, entre outros processos, torna invisíveis as memórias LGBT, aspecto a ser enfrentado por essas organizações.

Neste sentido, o texto *Se nada fizermos por nós, ninguém o fará!*, exibido em um painel no final da exposição, retoma a importância da militância e que a liberdade não é um privilégio e sim um direito de todos na sociedade.

É importante destacar que esta curadoria compartilhada envolveu um grande número de profissionais, localizados em duas cidades separadas por 260 km. Foram 12 curadores do *nuances*, 11 curadores do Curso de Museologia da UFRGS, 18 curadores de Pelotas e ainda mais três grupos pelotenses: Grupo de Estudo Etnográficos Urbanos da UFPEL, Núcleo de Gênero e Sexualidade da UFPEL e TAMBÉM Pelotas - Grupo pela Livre Expressão Sexual.

Assim, essa exposição deu seu tom contestador e de relevância social em todos os momentos; a cada novo núcleo, as representatividades contidas neles foram resultado de profundo conhecimento da problemática e das vivências dos agentes envolvidos.

Considerações Finais

É consenso entre os profissionais do campo, que a Museologia não pode mais se furtar a abordar a problemática LGBT e as inúmeras lutas que os brasileiros travam nos seus cotidianos: lutas dos povos originários, das comunidades negras, das pessoas com deficiências, entre outros grupos.

As práticas expográficas aqui analisadas tiveram um elo comum: o grupo *nuances*. Em vista disso, foi possível investigar propostas únicas, nas quais cada exercício expográfico se constituiu de forma singular, seja pelo espaço alocado, seja pela proposta acolhida ou pela motivação engendrada. No que tange aos docentes e discentes do Curso de Museologia da UFRGS, enquanto curadores, ao exercerem seu ofício ficou nítido que as escolhas foram conscientes no sentido de comunicar as ideias desejadas. Em todas as propostas pode-se considerar que eram exposições dinâmicas, informativas e que estimulavam o visitante a permanecer no evento e querer vivenciar a experiência.

Na primeira experiência, a *Exposição Uma Cidade Pelas Margens* (2016), a narrativa foi direta e objetiva trazendo ao centro do palco a violência real e virtual. Assim a curadoria ultrapassou a dor e optou por lembrar para não esquecer. Desse modo, a exposição museológica se constituiu em espaço de reflexão sobre diferentes formas de ser, pensar e estar no mundo, alinhando-se às perspectivas que abrem os museus para as questões colocadas pela diversidade de grupos da sociedade, entre os quais os coletivos LGBT.

Na *Exposição De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação* (2019), o propósito foi celebrar a Revolta de *Stonewall* e os 28 anos de militância do grupo *nuances*. O espaço cedido pelo Memorial do Rio Grande do Sul permitiu uma ampla circulação entre três ambientes, promovendo uma ótima fruição pelos núcleos expositivos. Pela localização do espaço, a mostra trouxe a temática LGBT para o Centro Histórico de Porto Alegre, justamente para o edifício ao lado da instituição onde foi sediada a exposição *Queer Museum*, censurada pelo próprio realizador, e vista por pouquíssimos visitantes. Do ponto de vista simbólico, *De Stonewall ao nuances* também foi um movimento de resistência ao ocorrido em 2017, na cidade. Além disso, ultrapassou as fronteiras da Capital gaúcha e rumou ao Sul do Estado, sendo montada também em Pelotas,

As práticas de curadoria compartilhada foram citadas por todos os entrevistados como um desafio na concepção e montagem das exposições; extremamente exitoso em sua execução e aplicabilidade, pois o ganho deu-se nas possibilidades que se ampliaram e em propostas para resolver qualquer tópico.

Nesse sentido, o encontro entre esses dois mundos, aqui analisados pela aproximação desses sujeitos, apresenta grande potencialidade para formação de futuros profissionais museólogos atentos às problemáticas sociais e, por outro lado, contribuem para a construção das memórias desses grupos fragilizados e para a visibilidade de suas causas.

Os benefícios reverberam em todos os sentidos: por um lado, museus e processos museológicos preocupam-se com pautas de cunho social; por outro lado, o coletivo expressa credibilidade às minorias que nele se apoiam, pelo simples fato de frequentarem um espaço de relevância, legitimidade e empoderamento social, o museu. Nesse movimento, a Museologia se constitui no baluarte teórico e metodológico que proporciona conhecimento a ambos.

Em síntese, mantemos a crença de que a Museologia, por meio de seus agentes, pode tornar os museus e outros espaços de memória, lugares de resistência e de enfrentamento à violência, ao preconceito e à discriminação com o propósito de criar uma sociedade que respeite as diferenças e contemple em suas políticas públicas a saúde, o bem-estar e a visibilidade de grupos colocados à margem, entre os quais o LGBT.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus. Da axiologia à museologia: o conceito de valor em reflexão. *Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação*, n. XIX ENANCIB, 2018.

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; MORAES WICHES, Camila. O que é Museologia LGBT? *In: Allinny Raphaelle, Ana Audebert, Camila Moraes Wichers, Jean Baptista, Jezulino Lúcio Mendes Braga, Marlise Giovanaz e Tony Boita (Orgs). Revista Memórias LGBT*. Ed. 12. Ano 7. 2020.

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony. Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos

Humanos: Estratégias de Superação de Fobias À Diversidade Sexual no Brasil. In: *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, Florianópolis, v. especial, n. 1, 2017.

BARNART, Fabiano; BAUER, Letícia. “Sabia que Estaria Aqui”: relatos sobre os processos criativos do Projeto Uma Cidade pelas Margens. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*. Vol. 8, nº 1, p. 438-467, 2017.

BENARUSH, M. K. A memória das roupas. In: *Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 113–117, 2012. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/121>. Acesso em: 17/10/2021.

BOITA, Tony. *Cartografia etnográfica de memórias desobedientes*. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

CHAGAS, Mário S. PIRES, Vladimir Sibylla (ORGs.). *Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

CURY, Marília Xavier. O Protagonismo Indígena e Museu: abordagens e metodologias. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 14–21, 2021.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. [S.l.: s.n.], 2006.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Florianópolis: FCC, 2014. 98p.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. GIOVANAZ, Marlise Maria. Uma Exposição em Nuances. In: *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências* / Hilda Jaqueline de Fraga et al. (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. (p. 23-44).

Documentário *Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas/RS*. Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/sobre-elas/> Acessado em: 12/10/2021.
GIOVANAZ, Marlise. Uma Exposição em Nuances. *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências*. Hilda Jaqueline de Fraga (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. p. 24-27.

GIOVANAZ, Marlise. Uma Reflexão sobre a Participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”. In: *Seminário Brasileiro de Museologia: Democracia: Desafios Para a Universidade e Para a Museologia*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2019. p. 432-442.

GOLIN. Célio. *nuances 25 anos. Uma trajetória inconformada com a norma*. Ed. nuances-Grupo pela Livre Expressão Sexual. Porto Alegre. RS. Brasil. 2017.

LEITZKE, Maria Cristina Padilha. POSSAMAI, Zita Rosane. Curadorias Compartilhadas: um estudo sobre as exposições realizadas no museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002 a 2009). In: *Atas do Seminário Internacional “ O Futuro dos Museus Universitários em Perspectiva”*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Biblioteca Digital. Porto. 2014.

MACHADO, Frederico Viana, MATTOS, Renan. Seminário Êba! Viado na pista! Nuances: 24 anos nas ruas - Gênero, sexualidades, saúde, educação, política e cultura LGBTT. In: *Revista da Extensão*. v. 12. 2017.

MARTINELLI, *Coletivo T Juliana*. Pelotas, Outubro, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivotjulianamartinelli/> Acessado em: 21/10/2021.

MARTINS, Maria Waleska Siga Peil. *Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & TAMBÉM*. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado de Museologia na Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2021.

MELO, Roberta Madeira de. POSSAMAI, Zita Rosane. As Revistas As Revistas do Museu Júlio de Castilhos e a exposição Memória e Resistência: reflexões sobre representações descolonizadas. *In: Revista do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 10. nº 19. 189-202. 2021.

MINOM. *Movimento Internacional para uma Nova Museologia*. 2013.

MOUTINHO, Mário C. (2014). Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. *In: Museologia Social. Cadernos do Ceom*. Ano 27, nº 41. Chapecó: Unochapecó, 423-427.

ONG TAMBÉM - Grupo Pela Livre Expressão Sexual fundada em 2002 e sede na cidade de Pelotas/RS - Disponível em: <https://grupotambem.blogspot.com/2012/09/palestra-transsexualidade-e-performance.html> Acessado em: 15/10/2021.

RICOEUR, P. *O justo 1: a justiça como regra moral e como instituição*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2008.

RUSSI, Adriana. ABREU, Regina. "Museologia colaborativa": diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. *In: Horizonte Antropológico*. Porto Alegre. Ano 25. nº 53, p. 17-46. 2019.